

## O *princeps* e o poeta: considerações sobre a estrutura e o arranjo interno do Livro 8 de Marcial

### The *princeps* and the poet: considerations on the structure and internal arrangement of Martial's Book 8

ROBSON TADEU CESILA<sup>1</sup> (*Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo — Brasil*)

**Abstract:** The internal architecture of a poetry book, that is, the arrangement or disposition of the poems within it, can affect the interpretation of both the poem individually and the set of which it is a part (the book). In the case of Martial's work, whose epigram books are carefully organized, this aspect should also not be ignored. In this paper, I describe how the epigrams are organized within the Book 8. I also try to demonstrate that such an arrangement aims, above all, to contribute to the poet's greater objective, which is the construction of the praise of the dedicatee and dominant figure in the book: the emperor Domitian.

**Keywords:** Martial; epigram; Book 8; Domitian; book's arrangement.

#### I

O estudo da estrutura e composição de um livro de poesia — o exame de quais poemas o compõem e que posição ocupam em sua arquitetura interna — pode revelar sentidos nem sempre percebidos quando a interpretação se limita a considerar apenas os poemas individualmente.

Com relação à produção do epigramatista Marco Valério Marcial, esse aspecto começou a receber a atenção da crítica apenas a partir da década de 30 do século passado, mas esteve, mais tarde, entre as preocupações dos teóricos na grande leva de trabalhos — livros, artigos, traduções, teses acadêmicas, comentários — que marcaram o crescimento dos estudos marciálicos no mundo verificado, sobretudo, na última década do século XX e nas duas primeiras décadas do XXI.

Com efeito, pode-se dizer que os 15 volumes de epigramas desse poeta apresentam, cada um à sua maneira, um cuidadoso arranjo interno dos poemas, o que, deve-se ressaltar, não significa dizer que haja rígidos

---

Texto recebido em 19.09.2017 e aceite para publicação em 18.12.2017.

<sup>1</sup> robson.cesila@usp.br.

esquemas nessa organização interna, excessivas e improváveis correspondências matemáticas ou infundáveis ciclos temáticos, como alguns teóricos chegaram a identificar<sup>2</sup>.

O que se verifica é a busca, sem regras excessivas e rigorosas, de uma hábil disposição dos epigramas que visa, por um lado, a não cansar e entediar o leitor (por meio do princípio maior da *uariatio*, a variação de temas, finalidades, metros, extensão *etc.*), e, por outro, a estimulá-lo a tecer determinadas relações entre duas ou mais peças da recolha, posicionadas ora próximas, ora afastadas umas das outras. Há, pois, um constante jogo com a proximidade e o distanciamento dos epigramas dentro do livro, explorando ora o contraste, ora a afinidade, como apresentaremos mais à frente. Além disso, as posições de maior visibilidade dentro da recolha — os epigramas iniciais e os finais — são aproveitados, em geral, para atos de homenagem (encômios com ou sem dedicatória do livro) e para declarações de cunho metapoético. Também podem ser exploradas certas posições de destaque no meio do livro.

Tais princípios e efeitos do arranjo das peças dentro do volume serão demonstrados no presente artigo por meio da descrição da estrutura e organização interna do Livro 8, o segundo que o poeta dedicou formalmente ao imperador Domiciano (o primeiro fora o Livro 5). Publicado provavelmente em dezembro de 94 d.C. (SULLIVAN (1991) 40), o Livro 8 constitui o mais curto dos livros de temática variada de Marcial, com apenas 82 epigramas<sup>3</sup>.

O Livro 8 é também um dos cinco volumes que o poeta dotou de um prefácio em prosa (os outros são o 1, o 2, o 9 e o 12). Diferentemente, porém, dos demais prefácios, o que abre o 8 traz considerações mais específicas — e, por isso, de valor inestimável para a nossa discussão — sobre os princípios que nortearam a composição do livro e o arranjo das peças em seu interior. Vejamos:

---

<sup>2</sup> Veja-se, a esse respeito, a crítica de CITRONI (1975, xxvii-xxix) aos trabalhos pioneiros de K. BARWICK (Zur Kompositionstechnik und Erklärung Martials. *Philologus* 87 (1932) 63-79 e *Zyklen bei Martial und in den kleinen Gedichten des Catull*. *Philologus* 102 (1958) 284-318) e de H. BERENDS (*Die Anordnung in Martials Gedichtbüchern I-XII*. Diss., Jena, 1932).

<sup>3</sup> Se considerado, porém, o número total de versos (661), é mais longo que os livros 2 (546 versos), 3 (648), 5 (648) e 6 (618) (CESILA, 2017a, 282).

*Imperatori Domitiano Caesari Augusto Germanico Dacico Valerius Martialis S.*

1. *Omnes quidem libelli mei, domine, quibus tu famam, id est uitam, dedisti, tibi supplicant; et, puto, propter hoc legentur.* 2. *Hic tamen, qui operis nostri octauus inscribitur, occasione pietatis frequentius fruitur.* 3. *Minus itaque ingenio laborandum fuit, in cuius locum materia successerat: quam quidem subinde aliqua iocorum mixtura uariare temptauimus, ne caelesti uerecundiae tuae laudes suas, quae facilius te fatigare possint quam nos satiare, omnis uersus ingereret.* 4. *Quamuis autem epigrammata a seuerissimis quoque et summae fortunae uiris ita scripta sint ut mimicam uerborum licentiam affectasse uideantur, ego tamen illis non permisi tam lasciue loqui quam solent.* 5. *Cum pars libri et maior et melior ad maiestatem sacri nominis tui alligata sit, meminerit non nisi religiosa purificatione lustratos accedere ad templa debere.* 6. *Quod ut custoditurum me lecturi sciant, in ipso libelli huius limine profiteri breuissimo placuit epigrammate.*<sup>4</sup>

*Valério Marcial saúda o Imperador Domiciano César Augusto Germânico Dácico.*

1. *Todos os meus livrinhos, senhor, aos quais tu concedeste a fama, ou seja, a vida, dirigem a ti as suas preces; e é por causa disso, penso eu, que serão lidos.* 2. *Este, porém, que se assinala como o oitavo de minha obra, aproveita mais repetidamente a ocasião de te demonstrar sua devoção.* 3. *Assim, pôde ser menos trabalhado pelo engenho, o qual fora substituído pelo nível da matéria; tentei, porém, diversificá-la, misturando-lhe, de vez em quando, alguns gracejos, para que cada verso não descarregasse seus elogios sobre tua celestial modéstia, estes que poderiam mais facilmente te fatigar que me saciar.* 4. *No entanto, embora tenham sido escritos, pelos homens mais austeros e até da mais alta condição, epigramas tais que fazem com que aqueles pareçam ter imitado a licenciosidade de linguagem própria do mimo, eu, porém, não permiti aos meus falarem tão obscenamente quanto costumam.* 5. *Como a parte não só melhor como também mais importante de meu livro está ligada à majestade do teu divino nome, é preciso lembrar que não devem adentrar os templos senão os purificados por religiosa lustração.* 6. *Para que saibam os que me lerão que observarei esse preceito, pareceu-me bem expressá-lo já no limiar deste livrinho, por meio de um brevíssimo epigrama.*<sup>5</sup>

Após o cabeçalho, em que o *princeps* é nomeado com todos os seus títulos, incluindo aqueles assumidos após seus triunfos militares (*Imperatori Domitiano Caesari Augusto Germanico Dacico*), o poeta assevera que, embora todos os livros até ali publicados sejam de alguma forma consagrados ao

---

<sup>4</sup> O texto é o de SHACKLETON BAILEY (1993), ao qual acrescentamos números para facilitar a referência aos trechos analisados. É a nossa edição-base no presente artigo, inclusive quanto à numeração e ao ordenamento dos epigramas, já que há, a depender da edição utilizada, alguma variação na ordem dos epigramas 49-51 e 53-56.

<sup>5</sup> Tradução nossa, retirada de CESILA (2004) 185 e 187, mas levemente alterada.

soberano (§1)<sup>6</sup>, o oitavo se lhes difere porque fará esse encômio com uma intensidade e abundância inéditas (§2). Com efeito, o Livro 8 será aquele mais fortemente ligado à figura de Domiciano, a quem são consagrados, direta ou indiretamente, 28 epigramas, equivalentes a cerca de 35% da recolha<sup>7</sup>. São eles: 1, 2, 4, 8, 11, 15, 21, 24, 26, 28 (dedicado a Partênio, poderoso liberto da corte de Domiciano), 30, 31 (invectiva contra Dentão, mas louvando indiretamente o imperador), 32 (um sutil pedido de clemência a ele, em favor de um exilado), 36, 39, 48 (dirigido a Crispino, outro liberto importante da corte imperial), 49, 53, 55 (os versos iniciais exaltam Roma e seu atual reinante), 56, 60 (satiriza uma mulher alta demais, comparando-a com uma possível estátua de Domiciano), 65, 66, 68 (sobre os jardins de Entelo, liberto a *libellis* de Domiciano, ou seja, encarregado das petições e correspondências a ele encaminhadas), 70 (dedicado a Nerva, que gozava do favor dos Flávios desde a época de Vespasiano, tendo sido cônsul recentemente, em 90 d.C., já sob Domiciano), 78, 80 e 82.

A seguir, no prefácio, o poeta expõe os dois princípios que guiaram a composição e o arranjo do livro: a variação (§3) e a ausência de material (elocução, sobretudo, mas também conteúdo) obsceno (§4-6).

Quanto ao primeiro princípio, afirma o poeta que, embora a matéria ou assunto principal do Livro 8 (cf. *materia*) seja o próprio César, foram inseridos, entre os poemas de encômio ao imperador, certa quantidade de gracejos (entenda-se, sobretudo, “epigramas satíricos”, *aliqua iocorum mixtura*), de forma a diversificar (cf. *uariare*) a composição do livro, que, se formado inteiramente de louvores a Domiciano, poderia se tornar enfadonho a este e desagradar sua “celestial modéstia” (cf. *caelesti uerecundiae tuae*). Assim, o epigramatista relaciona ao próprio soberano a necessidade da *uariatio*, o que fica claro quando assegura que a ele próprio, Marcial, jamais seriam numerosos o bastante os epigramas de encômio ao imperador; se há a diversi-

---

<sup>6</sup> Para uma lista de todos os epigramas a ele dedicados em cada um dos livros 1-7, ver CESILA (2017a), 185.

<sup>7</sup> O livro seguinte, o 9, terá dois epigramas a mais relacionados ao *princeps*, mas, em termos proporcionais, os seus 30 poemas desse tipo representarão menos de 30% do volume, que tem 103 epigramas. Além disso, o dedicatário formal do Livro 9 não será o imperador, e sim Torânio, um amigo a quem o poeta se dirige no prefácio do volume.

ficação temática, é para agradecer ao próprio homenageado do livro (cf. *quae [laudes] facilius te fatigare possint quam nos satiare*).

De fato, se se observa a lista acima exposta, verifica-se que os 28 epigramas relacionados ao imperador se encontram diluídos ao longo do livro, ou seja, raramente vêm em sequência, ocorrendo preferencialmente entremeados (“misturados”, para empregar o vocábulo adotado pelo poeta, *mixtura*) com peças de diferente temática e finalidade. Mais abaixo examinaremos com mais vagar essa característica.

Já quanto ao segundo princípio, garante o poeta, no prefácio (§4), que não permitiu, aos epigramas do livro, “falarem tão obscenamente como costumam” (*ego tamen illis non permisi tam lasciuè loqui quam solent*), referindo-se, evidentemente, aos seus livros anteriores (excetuado o 5, que se parece em muito com o 8), em que a linguagem desbragada e a temática fortemente obscena compareciam com frequência, sem peias. Lembre-se de que no prefácio do Livro 1, por exemplo, essa mesma linguagem licenciosa fora definida como uma característica marcante do próprio gênero (cf. *lasciuam uerborum ueritatem, id est epigrammaton linguam*<sup>8</sup>), referendada pelos modelos epigramáticos seguidos pelo poeta, e que em 1.35 a proibição desse tipo de elocução num volume de epigramas é apresentada como uma espécie de “castração” do livro<sup>9</sup>. Tanto no Livro 1 quanto no 8, a preocupação em abordar o tema está relacionada ao programa de moralização dos costumes e revalorização da religião romana iniciado pelo imperador quando assume o cargo de censor, em 85 d.C.<sup>10</sup>, mas, se no Livro 1 o poeta pede a condescendência do César com a licenciosidade de seus escritos (cf. 1.4), no prefácio do Livro 8 ele adota postura totalmente diversa, banindo do volume, em respeito ao *princeps*, qualquer elemento que pudesse ser considerado imoral.

Em suma, não há, no Livro 8, um único epigrama de teor obsceno, nem no tema, nem na linguagem. Existem, é verdade, 43 epigramas satíricos (pouco mais de metade do volume), mas eles, em consonância com o respeito devido ao dedicatário da obra, e a exemplo do que ocorrera no Livro 5, só satirizam

---

<sup>8</sup> Linhas 10-11 na edição de Shackleton Bailey.

<sup>9</sup> Cf. sobretudo vv. 12-15: *Quare deposita seueritate/ parcas lusibus et iocis rogamus, / nec castrare uelis meos libellos./ Gallo turpius est nihil Priapo.*

<sup>10</sup> Cf. Suet. *Dom.* 8.3-5.

indivíduos com características e comportamentos em princípio não relacionados ao campo dos “vícios” e “desvios” sexuais, tais como maus poetas (20, 62 e 76), caçadores de herança (25, 27, 38.1-3 e 43), patronos ou amigos ingratos ou avarentos (14, 25, 33, 41, 42, 55 e 71), anfitriões que tratam mal seus convidados (6 e 22), oradores verborrágicos (7), ladrões (59), médicos imperitos (74), ricos que se ostentam (6) *etc.* Mesmo os ataques a certos comportamentos femininos evitam qualquer vulgaridade na linguagem, como no caso da Catula de 54, que é muito bela mas pouco casta, ou da Fabula de 79, que anda só com amigas feias e mais velhas para parecer mais bonita. Afinal, como traz o prefácio (§5), a parte melhor e mais importante do Livro 8 está ligada à “majestade do sagrado nome” de Domiciano (*ad maiestatem sacri nominis tui*).

Note-se, aqui, a evidente analogia religiosa: Domiciano é um deus; e o seu palácio, o templo em que é cultuado. Assim, se o livro deseja adentrar esse sacrossanto recinto, precisa antes se purificar, pois só se deve adentrar um templo os que passaram por religiosa purificação (*non nisi religiosa purificatione lustratos accedere ad templa debere*, §5). A purificação, no caso do livrinho, equivale à supressão de qualquer elemento “imoral”. Mas pode-se também considerar, a nosso ver, que o próprio livro é esse templo, já que, ao conter dezenas de epigramas consagrados ao *princeps*, constitui ele também um edifício religioso que abriga, em seu interior, a divinal imagem do imperador. Domiciano está contido no livro. Ele é, pois, a um só tempo, o deus de seu palácio no Palatino e, metapoeticamente, o deus adorado no templo que é o Livro 8, cuja composição e estrutura rege, governa e preside.

Ao concluir o prefácio, o poeta anuncia ainda (§6) que vai reforçar, no primeiro epigrama da obra, esse seu respeito religioso pela figura imperial, materializado na recusa da elocução baixa. E, com efeito, no epigrama 1, dirigindo-se, primeiro, ao próprio *libellus*, recomenda-lhe entrar com respeito no palácio imperial, e, depois, dirigindo-se à deusa Vênus, pede-lhe que se afaste, pois só a respeitosa e casta Palas Atena, protetora de Domiciano e sua deusa de predileção<sup>11</sup>, é nesse momento bem-vinda<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> Cf. *Apoph.*, 179; 4.1.5-6; 5.2; 6.10.9-12; 7.1; 9.3.10.

<sup>12</sup> Mesma ideia expressa em 5.2.

Em suma, para resumirmos os dois princípios enunciados no prefácio do Livro 8, o poeta declara ser necessária a diversificação dos temas do livro para não fatigar o imperador<sup>13</sup> e não ferir sua modéstia, mas os epigramas inseridos com esse fito devem respeitar a decência de tema e de linguagem, em consonância com o respeito devido à figura imperial que é central nessa obra.

## II

Examinemos agora como opera o princípio da *uariatio* na estrutura geral do volume. A tabela a seguir permite uma melhor visualização da diluição, no desenho do livro, dos 28 poemas ligados ao *princeps*, os quais são identificados pelos alvéolos cinza na segunda coluna:

Epigrama	Domiciano	Extensão	Metro	Epigrama	Domiciano	Extensão	Metro
1		4	DE	42		3	HF
2		8	HF	43		4	DE
3		22	DE	44		17	EZ
4		4	DE	45		8	DE
5		2	HF	46		8	DE
6		16	DE	47		2	DE
7		4	DE	48		8	DE
8		6	DE	49		10	DE
9		4	DE	50		26	DE
10		3	EZ	51		2	DE
11		8	DE	52		10	HF
12		4	DE	53		16	DE
13		2	DE	54		4	HF
14		8	DE	55		24	DE
15		8	DE	56		4	DE
16		5	HF	57		6	DE
17		4	DE	58		2	DE

<sup>13</sup> E o leitor de uma forma geral, evidentemente, embora Marcial não o explicita.

18		10	DE	59		14	DE
19		1	EZ	60		2	DE
20		2	DE	61		9	EZ
21		12	DE	62		2	DE
22		2	DE	63		4	DE
23		4	DE	64		18	HF
24		6	DE	65		12	DE
25		2	HF	66		13	HF
26		8	DE	67		10	DE
27		2	DE	68		10	DE
28		22	DE	69		4	HF
29		2	DE	70		8	DE
30		10	DE	71		12	DE
31		6	DE	72		9	HF
32		8	DE	73		10	DE
33		26	DE	74		2	DE
34		2	DE	75		16	DE
35		3	HF	76		8	HF
36		12	DE	77		8	DE
37		4	DE	78		16	DE
38		16	HF	79		5	HF
39		6	DE	80		8	DE
40		6	HF	81		11	HF
41		4	DE	82		8	DE

Percebe-se que em meio aos epigramas relacionados a Domiciano são inseridos de um a cinco epigramas com outros temas ou finalidades, havendo dois intervalos maiores (entre o 39 e o 48, oito poemas; e entre o 70 e 78, sete poemas). Além disso, como mostraremos mais à frente, sempre que duas ou três peças ligadas ao *princeps* ocorrem em sequência (cf. 30-32, 48-49, 55-56 e 65-66), somente uma do par ou trio faz uma adulação aberta e completa, constituindo as demais elogios indiretos e mais sutis, seja louvando outras figuras da corte e daí, por tabela, o imperador (cf. 48 e 66), seja referindo positivamente o seu principado e a sua época mais como um pano de fundo para



o tratamento de outras questões (cf. 31 e 55). A observação que acabamos de fazer só não se aplica aos epigramas 1-2, os quais, por seu caráter de peças de abertura do livro, são adulatórios em toda a sua plenitude. A *uariatio*, neste último caso, é garantida por outra característica, o metro: o poema 1 faz o encômio ao César em dísticos elegíacos, enquanto o 2 o faz em hendecassílabos falécios. Curiosamente, como se pode notar pela quarta coluna da tabela<sup>14</sup>, todos os demais poemas “cesarinos” do livro serão em dísticos elegíacos, o que confirma esse caráter de excepcionalidade do par inicial. Observe-se, por fim, que, se dividirmos o livro em duas metades exatas (1-41 e 42-82), tem-se certo equilíbrio na quantidade, em cada uma delas, de peças relacionadas ao *princeps*: 15 e 13, respectivamente.

Tratando agora especificamente da métrica dos epigramas do Livro 8, é preciso dizer, inicialmente, que há, nos livros 1-12, como notou CITRONI (2004) 142, a mesma hierarquia entre os três metros mais usados por Marcial, ou seja, cada livro possui sempre uma *maioria* de poemas em dísticos elegíacos, uma *presença consistente* de poemas em hendecassílabos falécios e *alguns* epigramas em colíambos, cujo número é sempre muito inferior ao de hendecassílabos. Assim, sempre haverá, necessariamente, vários epigramas em metro elegíaco em sequência. Porém, como aponta WOLFF (2008) 98, nunca esses intervalos elegíacos serão, nos livros 1-12, maiores que 10 poemas.

No caso do Livro 8, como se observa na tabela, temos 61 peças em dísticos elegíacos, 17 em hendecassílabos falécios e apenas 4 em escazontes<sup>15</sup>. Os 21 epigramas compostos nos dois metros menos frequentes são empregados para quebrar as séries de peças compostas em metro elegíaco (na tabela, marcadas em cinza), as quais atingem um máximo de nove epigramas contíguos (do epigrama 26 ao 34). Note-se que jamais ocorrem seguidos, nesse livro, dois epigramas em hendecassílabos falécios ou dois em escazontes, assim como não ocorre um epigrama em falécios seguido de um em escazontes.

---

<sup>14</sup> DE = dístico(s) elegíaco(s); HF = hendecassílabo(s) falécio(s); EZ = trímetros iâmbicos escazontes.

<sup>15</sup> Não ocorrem nesse volume os outros metros que Marcial empregou ocasionalmente: dístico epódico, hexâmetro (usado isometricamente), trímetro iâmbico puro e tetrâmetro jônico maior catalético. Os epigramas neles compostos são, em toda a obra do poeta, apenas 12.

A extensão dos epigramas (terceira coluna) é outra característica que Marcial costuma explorar na arquitetura de seus volumes, para efeitos de variação. No Livro 8, apenas cinco vezes se observa o mesmo número de versos em epigramas contíguos, e nunca em sequências maiores que dois poemas (cf. os pares destacados em cinza na tabela: 14-15, 39-40, 45-46, 67-68 e 76-77)<sup>16</sup>. Observa-se também — e é outro traço verificável em todos os livros de 1 a 12 — que um epigrama longo (aqui entendido como aquele que tem mais de 12 versos<sup>17</sup>) jamais é seguido por outro epigrama longo. E, se considerarmos apenas aqueles cuja extensão (mais de 20 versos) pode parecer chocante num gênero marcado pela brevidade, percebe-se que o poeta toma o cuidado de inserir sempre um poema muito curto, de dois ou, no máximo, quatro versos, após essas peças mais longas (cf. 3 e 4, 28 e 29, 33 e 34, 50 e 51, 55 e 56), produzindo a desejada *uariatio* e uma disposição equilibrada de peças longas e curtas no desenho do livro. No epigrama 29, Marcial chega mesmo a abordar, metalinguisticamente, a questão da brevidade, aludindo à longa extensão do poema anterior, composto por 22 versos (voltaremos a eles mais à frente).

Note-se, por fim, que a variação na extensão serve para contrabalançar um pouco a referida repetição do metro elegíaco em epigramas seguidos. Com efeito, se o esquema métrico, nessas séries elegíacas, se repete, a extensão, contudo, tende a variar fortemente. Observe-se o fenômeno, na tabela, nas sequências 3-4, 6-9, 17-18, 20-24, 26-34, 36-37, 55-60, 62-63, 70-71, 73-75 e 77-78. As únicas exceções ocorrem na série 11-15 (em que os poemas 14 e 15 têm, ambos, 8 versos), na série 45-51 (epigramas 45 e 46 têm 8 versos) e no par 67-68 (ambos os epigramas com 10 versos).

### III

Feita essa avaliação mais geral sobre a estrutura e a organização interna do conjunto do Livro 8, passemos agora a considerações mais específicas,

---

<sup>16</sup> Em dois desses casos, a repetição da extensão é contrabalançada pela variação no metro (39-40 e 76-77).

<sup>17</sup> Seguindo critério de DEZOTTI (1990) 76-77, que se baseia na informação de WALTZ (1928) iv de que “a infinita maioria dos quase 3700 epigramas contidos na *Antologia Palatina* [*Antologia Grega*] tem entre 2 e 12 versos”.

descrevendo a disposição de cada epigrama do volume e apontando, quando houver, os possíveis efeitos de leitura ativados por essa posição.

Depois do epigrama 1, que reforça a dedicatória do livro ao imperador feita no prefácio em prosa, e equipara o *princeps* a uma divindade e o seu palácio a um templo, vem um segundo epigrama de encômio (2), em metro diferente do primeiro, celebrando, a um só tempo, o iminente retorno do imperador a Roma<sup>18</sup>, após as recentes vitórias sobre os Sármatas<sup>19</sup>, e a construção, por ele, de um templo dedicado a Jano no *Fórum Transitorium*. Após esse par de epigramas consagrados ao César, segue o longo metapoema 3, não relacionado a ele (um diálogo entre Marcial e uma das Musas, que repreende o poeta por tentar abandonar a inspiração poética que lhe é própria — o epigrama — e lhe mostra as vantagens desse gênero sobre as modalidades mais sérias de poesia, a épica e a trágica). O poeta volta a exaltar o imperador em 4, referindo as preces públicas que tiveram lugar em janeiro de 93, com o objetivo de lhe propiciar um rápido e seguro retorno (o poema 4, de apenas quatro versos, é contrapeso para o 3, que tem 22 versos). Vêm então três epigramas invectivos: o primeiro, contra um perdulário que dilapidou seus bens presenteando as amantes (5); o segundo, contra um anfitrião que tortura seus convidados com uma conversa arrogante e enfadonha sobre a *nobre antiguidade* de seus copos, taças e vasos, mas que serve, no jantar, um vinho *novo* (e, portanto, ruim, inferior), em total desacordo com essa suposta nobreza e vetustez dos recipientes (6); o terceiro, contra um mau advogado, orador lento, enfadonho e pouco eloquente (7), de certa forma relacionando-se ao anterior, já que o anfitrião de 6 não deixa de ser, também, um “orador” insuportável. A tríade é equilibrada, no que tange à extensão: a um curto poema de dois versos (5) segue um mais longo, de 16 (6), que é seguido, por sua vez, por outro curto, de quatro versos (7).

Segue então um quarto epigrama consagrado ao imperador (8), celebrando, mais uma vez, seu retorno a Roma no mês de janeiro de 93 d.C.; assim, o epigrama 8 evoca, pela afinidade temática (a referência ao retorno e ao mês de janeiro), os de número 2 e 4, formando uma tríade temática que é,

---

<sup>18</sup> Que se deu em janeiro de 93 d.C.

<sup>19</sup> Nas campanhas entre maio e dezembro de 92 d.C., na Panônia, na região do rio Istro (Danúbio). Cf. também Suet. *Dom.* 6.1.

contudo, convenientemente separada no livro pela injeção de peças meta-poéticas ou de invectiva satírica.

Depois de dois epigramas contra “caloteiros” (9 e 10), os quais, portanto, se relacionam entre si pela afinidade temática (embora difiram no metro empregado), vem outro encômio ao *princeps* (11), agora referindo a empolgada recepção que lhe fez o povo durante as corridas de circo promovidas para celebrar suas recentes vitórias militares. Seguem então três peças não relacionadas ao soberano (12-14), duas delas (12 e 14) com referências à condição financeira do poeta: em 12, ele explica por que não quer se casar com uma mulher rica (não quer “ser esposa da sua esposa”<sup>20</sup>); em 14, repreende um amigo rico, não nomeado, que, embora possua uma bela e requintada casa de campo, não ajuda financeiramente o poeta, obrigando-o a viver em um cubículo em péssimas condições. Em meio aos dois, o epigrama 13 ataca um vendedor de escravos de quem o poeta diz ter comprado um bufão que, depois, se revelou esperto demais. Domiciano volta a ser homenageado em 15, em que se exalta a larga distribuição de presentes ao povo promovida no âmbito das suas comemorações de vitória.

Há em seguida cinco epigramas não ligados ao soberano (16-20). 16 e 17 são invectivas baseadas no tema da advocacia, o primeiro atacando um padeiro que, ao se tornar advogado e começar a ganhar mais, passou também a gastar mais e a se endividar; no segundo, o próprio poeta se coloca na *persona* de um advogado que recebeu do indivíduo alvejado somente a metade do valor estipulado pela defesa. Assim, a afinidade temática é reforçada aqui pela contiguidade física, ao mesmo tempo em que o metro empregado, porém, varia. Note-se ainda que esse par de epigramas retoma o tema de 7 (também contra um advogado); além disso, pode-se dizer que 16 evoca o tema de 5, contra um perdulário, ao passo que 17 retoma o de 9 e de 10, que são, como vimos, ataques a indivíduos que não honram os compromissos financeiros assumidos.

Os metaepigramas 18 e 20, por sua vez, são ambos centrados no tema da boa/má poesia, o que, junto de sua proximidade física — são separados

---

<sup>20</sup> *Vxori nubere nolo meae* (v. 2).

apenas pelo epigrama 19, composto de um único verso<sup>21</sup> — convida-nos a lê-los como um par. Em 18, o poeta se dirige ao amigo Cerrínio, talentoso autor de epigramas que, no entanto, por respeito a Marcial, cuja fama não deseja ofuscar com uma produção de melhor qualidade, abdica de escrever seus próprios epigramas e deixa mesmo de publicar os que já escreveu. Já o poema 20, ao contrário, é invectivo, e ataca Varo, um poeta que escreve diariamente dezenas de versos, mas que jamais recita qualquer um deles nas *recitationes*; Marcial sentencia, no final do epigrama, com uma vagueza proposital que cabe ao leitor elucidar, que Varo é, ao mesmo tempo, insensato e sensato: *non sapis atque sapis* (v. 2). Pode-se entender que os poemas de Varo são ruins, e por isso é uma insensatez de sua parte se pôr a produzi-los (e em tamanha quantidade); ao mesmo tempo, o indivíduo é sensato por não tornar públicos versos de tão baixa qualidade estética. Pode-se dizer, assim, que o Cerrínio de 18 e o Varo de 20 são “sábios” pelo mesmo comportamento (não publicar seus poemas), mas que os motivos de cada um são diferentes: Cerrínio é talentoso e poderia publicar epigramas de alta qualidade estética, mas se mostra superiormente sábio ao deixar de publicá-los em respeito ao amigo Marcial; Varo, ao contrário, é um péssimo poeta, de forma que, ao não publicar seus versos, age em benefício próprio, já que acabaria se envergonhando se os recitasse em público. Acrescente-se que Cerrínio chega a abdicar de exercer o seu talento, deixando mesmo de *escrever* os epigramas, de cultivar o gênero em que tanto excede; já Varo escreve os seus versos abundantemente. Nesse caso, o primeiro continua sendo superiormente sábio, enquanto o segundo passa à categoria dos “insensatos”. Em suma, a quase contiguidade dos epigramas 18 e 20 estimularia, aqui, o contraste entre os dois personagens, valorizando o elogio do amigo Cerrínio (em 18) pela crítica à postura oposta de Varo (em 20)<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> Há apenas três epigramas de um único verso na obra de Marcial, todos satíricos: 2.73, 7.98 e 8.19. O metro de 8.19 é o escazonte, separando convenientemente os dois metapoemas compostos em elegíacos (8.18 e 20).

<sup>22</sup> Reconhecemos que os dois poemas do par podem receber interpretações diferentes das que lhes demos. O epigrama 18, por exemplo, poderia ser entendido como irônico. Nesse caso, Cerrínio seria, portanto, tão mau poeta como o Varo de 20, e a proximidade física do par estimularia, então, a afinidade mais do que o contraste. Assim, 20 seria uma chave de leitura para desvendar a ironia presente em 18, de forma que os

No epigrama 21 o poeta volta a homenagear o imperador, repreendendo Fósforo, a Estrela da Manhã (Vênus), por fazer tardar o nascimento do dia assinalado para a tão aguardada chegada de Domiciano após os triunfos contra os povos do norte (supõe-se que esse epigrama tenha sido composto antes de 11 e 15, uma vez que volta a apresentar o retorno do imperador como um fato futuro). Depois de dois epigramas invectivos relacionados entre si pelo tema comum do banquete (22 e 23)<sup>23</sup>, vem nova peça dirigida ao *princeps* (24), na qual o poeta lhe pede que o atenda, caso algum pedido ele lhe faça nesse “tímido e modesto livrinho” (*timido gracilique libello*); se, contudo, não o atender, que ao menos não proíba que preces e pedidos lhe sejam dirigidos, pois são eles que fazem de alguém um deus (ou seja, é o crente que, ao reconhecer o caráter divino de um ser, o torna efetivamente uma divindade).

---

reais motivos de Varo não publicar seus poemas — a baixa qualidade estética — pusessem a descoberto a mesma motivação por trás do comportamento de Cerrínio, que tenta parecer nobre e superior, quando, na verdade, nada publica por não ter, de fato, nenhum talento poético. O leitor que tivesse lido como sincero o elogio de Marcial a Cerrínio no epigrama 18 poderia, portanto, após ler o 20, voltar ao 18 e reconhecer a possível ironia ali existente. O epigrama 19, que separa o par, pode acrescentar mais alguns elementos a essa discussão. Diz o seu único verso: *Pauper uideri Cinna uult; et est pauper* (“Cina quer parecer pobre; e é realmente pobre”). Não sabemos por que o sujeito quer parecer pobre (Marcial não o diz). Talvez Cina esteja a assumir a postura filosófica do louvor da pobreza, do desapego aos bens materiais. Mas o fato é que ele *é, realmente*, pobre, de forma que aquilo que quer simular corresponde, na verdade, a uma situação real, o que esvazia, portanto, qualquer intenção filosófica, já que não se trata de uma *opção* pela pobreza, e sim da ocultação da mesma sob a máscara da filosofia (em outras peças — cf. 11.56 e 12.70 — vemos o poeta criticar aqueles que, enquanto nada têm, louvam a pobreza, a moderação e a austeridade, ou pregam que não se deve temer a morte, mas que se apegam ao luxo, à riqueza e à vida tão logo recebem uma herança que os tira da miséria). Assim, o Cerrínio de 18 poderia ser como o Cina de 19: tenta conferir motivações nobres a uma condição negativa que possui. Cerrínio tenta esconder sob a máscara da amizade e da grandeza de espírito a própria incapacidade poética: diz que não escreve epigramas para não ofuscar a produção de Marcial, quando, em verdade, não os produz porque não tem talento para fazê-lo. O que vai nesta nota seria, portanto, uma leitura alternativa — talvez mais ousada — àquela que apresentamos no corpo do texto.

<sup>23</sup> No primeiro, o poeta ataca um anfitrião que prometeu lhe servir carne de javali, mas serviu porco; no segundo, alveja um sujeito que repreendera o poeta por ter mandado sovar o cozinheiro, o qual, supõe-se, não preparara os pratos devidamente. Note-se que, em 22, o poeta se coloca como conviva, e, em 23, como anfitrião.

Esse metapoema funciona quase como uma segunda dedicatória do livro ao imperador, após aquela apresentada no prefácio e no epigrama 1. Assim, passado pouco mais de 1/4 do volume, o poeta volta a destacar, metapoeticamente, a relação intrínseca entre o presente volume e a figura de Domiciano.

Temos então, em seguida, um curto epigrama em hendecassílabos falécios sobre caçadores de herança (25), tema que é retomado logo depois, no igualmente curto 27, um dístico elegíaco. Entre eles, porém, medeia novo poema de louvor ao César (26), de quem o poeta exalta os espetáculos promovidos na arena como parte das comemorações pelas vitórias recentemente obtidas, espetáculos esses que teriam contado com grande número de tigres (o que motiva a comparação, evidentemente favorável ao soberano romano, com o deus Baco, que se contentara, após seu triunfo sobre a Índia, com apenas dois desses animais, em alusão ao par de tigres que lhe puxavam o carro em seu cortejo triunfal). Note-se como o poeta separa duas peças consagradas ao *princeps* (24 e 26) com uma invectiva, sobre caçadores de herança (25), ao mesmo tempo em que separa as duas invectivas contra esse tipo social — o caçador de heranças (25 e 27) — com uma peça de encômio ao *princeps* (26).

No par de poemas seguinte (28 e 29), Marcial explora a disposição contígua para abordar, metalinguisticamente, uma questão relativa ao gênero epigramático: a brevidade. Antes de tratar disso, porém, é preciso dizer que o primeiro (28) se insere no grupo dos epigramas relacionados a Domiciano, pois é dirigido a Partênio, poderoso e influente liberto que exercia a função de criado de quarto (*cubicularius*) do *princeps*<sup>24</sup>. Depois de exaltar longamente a toga de imaculada brancura que lhe fora dada de presente por Partênio, Marcial aproveita para pedir, espertamente, que lhe dê também um manto (*lacerna*) que combine com tão nobre e valioso presente<sup>25</sup>. O poema é, pois, consagrado também, ainda que indiretamente, ao imperador (cf., no último verso, a qualificação *Palatina* aplicada à toga, em referência ao *Palatium* ou *mons Palatinus*, onde ficava o palácio de Domiciano).

---

<sup>24</sup> Cf. 5.6, além de 4.45, 4.78.7-8, 9.49, 11.1 e 12.11.

<sup>25</sup> Mais tarde, no livro seguinte, o 9, Marcial voltará a referir essa toga, apresentada então como já gasta e velha (cf. 9.49).

Esse longo epigrama de 22 versos (o 4º maior do livro) é seguido por um curto metapoema, composto de um único dístico (29), que afirma a inutilidade de se buscar a brevidade (*breuitas*) em um epigrama, já que, afinal de contas, ele está dentro de um livro, de um todo maior, e, portanto, sua brevidade será sempre relativizada. O poeta está a se defender aqui de críticas que provavelmente recebia por também escrever, por vezes, epigramas longos<sup>26</sup>, ferindo, com isso, a “lei” da brevidade que caracteriza o gênero. O próprio procedimento de fazer seguir, a um epigrama longo, um outro, bem curto, que justifica a extensão daquele que o precede e defende o direito de também se escreverem epigramas de maior extensão não era então inédito na obra de Marcial. Ele já o empregara nos livros 1 (epigramas 109 e 110), 3 (82 e 83) e 6 (64 e 65). E voltaria a fazê-lo mais tarde, no Livro 10 (58 e 59).

Após o par 28-29, o poeta volta a consagrar uma peça ao *princeps*, agora diretamente (poema 30). O assunto são os mesmos jogos, talvez, exaltados no epigrama 26, mas, agora, com a descrição de uma atração diferente: uma representação teatral de tipo hiper-realista, como parece ter sido comum nas arenas romanas do século I d.C., em que certos personagens do mito ou da história eram “representados” por condenados, os quais eram mortos, de fato, realisticamente, em cena (ou recebiam outras punições), tudo conforme o enredo das fábulas encenadas<sup>27</sup>.

Os epigramas 31 e 32 também estão relacionados ao imperador, o que poderia ser visto como uma quebra no preceito da *uariatio* exposto no prefácio, já que se teria uma sequência de três epigramas “cesarinos” (30-32). Mas, como já apontado no item II, os epigramas dispostos como 31 e 32, ainda que se liguem ao soberano, o fazem de maneira mais difusa, indireta, sutil, evitando uma indesejável repetição de louvores abertos e diretos: o primeiro, 31, é um ataque a Dentão, homem casado que, em vez de engravidar a esposa, gerando uma prole que lhe permitisse obter *naturalmente* o direito dos três filhos (o *ius trium liberorum*), prefere ir a Roma para suplicar esse direito a César, na forma de um *privilégio* (isto é, sem ter de fato o número de filhos

---

<sup>26</sup> 140, ao todo, se se considerarem aqueles com mais de 12 versos (9% do total de epigramas dos 15 livros do poeta); 39 epigramas, se tomarmos apenas aqueles com mais de 20 versos (dados retirados de CESILA (2017a) 285-286.

<sup>27</sup> Cf. Marcial, *Spect.*, 6, 9, 10 e 24.



que a lei exigia); o segundo, 32, trata de uma certa Aretula e de seu irmão, exilado na Sardenha; sob a descrição de um quadro delicado e ameno (uma pomba que vem da ilha e pousa no regaço da jovem), o poeta esconde um sutil pedido de clemência a César, em favor do moço<sup>28</sup>.

Seguem-se então três epigramas invectivos (33-35), antes do próximo elogio ao imperador (36). O de número 33 é um longo ataque de 26 versos contra Paulo, pretor que enviara ao poeta um presente desprezível; aqui, retoma-se, de certa forma, pelo tema da ingratidão ou avareza dos patronos, o epigrama 14 (note-se ainda o contraste com o magnífico presente recebido de Partênio, a toga descrita no igualmente longo poema 28). Já 34 e 35 são ambos bem curtos, embora diferentes no metro: o primeiro satiriza um indivíduo que se gaba da nobreza e grande valor de suas peças de prata (retomando, portanto, o tema da invectiva de 8); o segundo comenta sobre um marido e uma esposa que vivem brigando, embora, iguais em vícios, se mereçam. Observe-se, como já mencionado no item II, que um epigrama longo (33) é seguido por um muito curto (34).

O poema 36 enaltece o suntuoso palácio de Domiciano no Palatino, concluído em 92 d.C., e faz par com 39, que exalta uma dependência específica desse palácio, a sala de jantar, em que o soberano, equiparado a Júpiter, pode agora convenientemente saborear o seu “néctar sagrado”. Em meio a esse par o poeta injeta duas peças não ligadas ao soberano: uma curta, invectiva em metro elegíaco contra um inadimplente (37), evocando, portanto, o tema de 9 e de 10 e, de certa forma, o de 17; outra, mais longa, em hendecassílabos falécios, um elogio de Marco Atédio Mélior, que criara uma “fundação” para honrar a memória de seu amigo Bleso, recentemente falecido.

Segue um breve poema em hendecassílabos falécios sobre a divindade itifálica Priapo (40). Depois, vêm dois poemas centrados, cada um a seu modo

---

<sup>28</sup> Poderíamos nos perguntar se não é a esse excessivamente respeitoso e mesmo amedrontado pedido de clemência que o poeta se referira no poema 24, em que solicitava ao *princeps*, um tanto elusivamente, que o atendesse, se algo viesse a lhe pedir no presente livro (*Si quid forte petam timido gracilique libello*, v. 1) e se o pedido não fosse insolente (*improba non fuerit si mea charta*). A ser assim, o poeta teria inserido um poema (24) que preparava o “espírito” do imperador — como uma espécie de *captatio benevolentiae* — oito epigramas antes daquele (32) que haveria de conter o amedrontado e cioso pedido de clemência em favor de indivíduo que o *princeps* condenara ao exílio.

e em metros diferentes, no tema das relações entre patronos e clientes: 41, em dísticos elegíacos, e 42, em hendecassílabos falécios. O primeiro (41), por alvejar um sujeito que não enviou ao poeta os devidos presentes de Saturnais, acaba por retomar o argumento de 33 (contra Paulo), bem como o de 14, que também invectivara um patrono avarento e indiferente às necessidades do poeta. Por contraste, retoma ainda o elogio da toga de Partênio (28).

Nessa primeira metade aproximada do livro, que se encerra no epigrama 42, puderam-se perceber frequentes pares ou trios de epigramas, afins na temática (ou passíveis de serem relacionados de alguma forma pela temática), que foram posicionados, no livro, de forma contígua ou quase contígua, convidando ao estabelecimento de relações entre eles durante o ato da leitura: 1-2, 6-7, 9-10, 12 e 14, 16-17, 18 e 20, 22-23, 25 e 27, 28-29, 30-32, 36 e 39, 41-42. Já na segunda metade do livro (a partir do epigrama 43), esse tipo de disposição passa a ser bem menos comum.

O epigrama 43 satiriza Fábio e Crestila, que enviuvaram várias vezes. O poeta parece sugerir que essa frequência é mesmo suspeita, e roga, então, a Vênus que faça com que um se apaixone pelo outro, o que, a se manter a tendência, significaria, por consequência, a morte de ambos. Apesar da distância que separa esse epigrama de 35, é difícil não se lembrar do casal anônimo ali alvejado, em que marido e mulher, segundo a voz poética, são ambos de péssimo caráter e se merecem, ainda que, estranhamente, não se deem bem. Assim como esse casal, Fábio e Crestila, do epigrama 43, são ambos pessoas de índole duvidosa. Pode-se dizer que o casal apresentado em 35 representaria a concretização daquilo que o poeta deseja para Fábio e Crestila no epigrama 43: a união, num casamento, de duas pessoas igualmente péssimas<sup>29</sup>.

Perto da metade matemática do livro (41-42), tem-se um poema (44) que, apesar do fundo invectivo, visa a apresentar um princípio filosófico muito caro ao poeta: a necessidade de aproveitar o momento presente, dadas a brevidade da vida e a inevitabilidade da morte. Trata-se, como se sabe, da tópica que se celebrizou, a partir da obra de Horácio, com a designação *carpe*

---

<sup>29</sup> Note-se, no entanto, a variação métrica, apesar da temática muito parecida: em 35, hendecassílabos falécios; em 43, dísticos elegíacos.

*diem*. Titulo, o indivíduo alvejado, deixa de viver o dia de hoje, apesar de já ir em idade avançada; passa os dias a amealhar riquezas de que não usufrui nem usufruirá, as quais, após a sua morte, serão deixadas a um ingrato herdeiro, perdulário e infiel à memória do pai. A posição do poema, mais ou menos no meio do volume, confere destaque a esse tema filosófico de que tantas vezes Marcial se ocupará em seus versos<sup>30</sup>.

Observe-se a “ponte” com o poema anterior: se o 43 terminara com os votos de Marcial de uma união matrimonial entre Fáblio e Crestila, a fim de provocar a morte de ambos, agora, no 44, principia-se com o conselho de aproveitar a vida, para o que sempre é tarde (v. 1), arrematando-se o poema, depois, com uma descrição vívida e cruelmente realista do funeral de Titulo, mostrando o filho deste a beijar atrevidamente os eunucos do pai (vv. 13-15) já durante as cerimônias fúnebres, e a cair nos braços do escravo predileto do falecido logo na primeira noite após as exéquias (vv. 16-17).

Após o poema 44, que incita ao *carpe diem* e termina com o clima tétrico que expusemos no final do parágrafo anterior, segue um bem mais leve e ameno (45), marcando esse contraste, inclusive, pela mudança no metro. Pode-se dizer que ele exemplifica dois dos elementos passíveis de materializar o *carpe diem* aconselhado no epigrama anterior: a convivência com os amigos e o prazer do vinho. Com efeito, no 45, Marcial comemora, com votos de muito vinho, a volta do amigo e patrono Terêncio Prisco de uma viagem ao sul da Itália, ao mesmo tempo em que aproveita para desejar um rápido retorno a Flaco, o interlocutor do poema, que está em Cipro (Chipre).

O tom ameno prossegue no epigrama 46, um elogio da beleza do jovem escravo Cesto. O 47 é satírico, contra um indivíduo que tem a barba feita de maneira desigual. Vem então um par de epigramas (48-49) ligados ao imperador (note-se que a última vez em que isso ocorreria no livro fora no epigrama 39). O primeiro, porém, se relaciona a Domiciano de forma indireta, pois trata, a bem dizer, de Crispino — rico e influente liberto da corte imperial<sup>31</sup> — e do furto de seu caro manto, que ele dera para alguém segurar

---

<sup>30</sup> Cf. *Xen.*, 126; 1.15 e 49; 2.59 e 90; 4.54; 5.20, 58 e 64; 6.27 e 70; 7.47; 8.44 e 77; 10.23, 38, 44 e 47. O tratamento da tópica do *carpe diem* pelo epigramatista foi tema, recentemente, de um artigo nosso: CESILA (2017b) 7-14.

<sup>31</sup> Cf. 7.99, em que o poeta pede que Crispino o elogie (e a sua obra) diante do *princeps*.

enquanto trocava de roupa. Já o 49 é um encômio direto, exaltando o banquete que o imperador concedeu a todo o povo após as vitórias contra os Sármatas, banquetes esses comparáveis àqueles em que Júpiter celebrou, junto aos outros deuses olímpicos, seu triunfo sobre os Gigantes.

O epigrama 50, uma longa éfrase, descreve um belíssimo copo (*phiala*) que o poeta recebera de seu patrono Instâncio Rufo. É sugestiva a posição dessa éfrase logo depois do louvor do banquete de Domiciano empreendido no poema 49: o tipo de presente, ligado ao contexto convivial, bem como a riqueza, a nobreza e o valor artístico da peça — que poderia, segundo o poeta, ser obra das hábeis mãos de Mio, Míron, Mentor ou Policeto — estariam à altura, podemos dizer, daquele divino, suntuoso e memorável banquete oferecido pelo *princeps*. Depois do 50, vêm duas peças satíricas que violam esse clima divinal estabelecido no par 49-50. A primeira delas (51) satiriza um cego que ama uma mulher nada bela, porque não a vê (esse epigrama, curtíssimo, com um único dístico elegíaco, contrabalança a longa extensão do anterior, que tem 26 versos e é, junto do 33, o maior do livro). Já a segunda peça satírica (52) ataca um indivíduo a quem o poeta emprestara seu escravo imberbe, exímio barbeiro, e que demora tanto a devolvê-lo que o escravo volta com a barba já crescida. Esse último epigrama, em hendecassílabos falécios, quebra uma longa série de sete poemas em metro elegíaco (45-51).

Em seguida, tem-se mais uma peça dedicada ao César (53), novamente exaltando os jogos promovidos por ocasião de suas recentes vitórias contra os Sármatas (no caso, uma *uenatio* a um belíssimo e imponente leão africano). Depois de 54, em falécios, que alveja Catula, uma mulher bela mas pouco casta, vem um par de epigramas em elegíacos relacionado ao *princeps* (55-56), e, como é praxe no presente livro, o primeiro exalta Domiciano de forma mais sutil (o objetivo real do epigrama é abordar questões de poesia e de patronato), enquanto o segundo o faz aberta e entusiasticamente.

No 55, um metapoema repleto de alusões às *Bucólicas* de Virgílio<sup>32</sup>, o epigramatista lamenta faltarem figuras como Mecenas na Roma contemporânea, apesar de esta, por ser governada por Domiciano<sup>33</sup>, ser até superior

<sup>32</sup> Cf. CESILA (2013).

<sup>33</sup> Não nomeado, referido apenas como *duce*, no v. 2.

àquela em que viveu o famoso patrono e os poetas por ele favorecidos. A não existência de Mecenas explicaria, segundo Marcial, a inexistência de poetas épicos do calibre de um Virgílio que pudessem celebrar à altura as façanhas bélicas da Roma atual. Uma *recusatio* encerra o poema: ao contrário de Virgílio, autor de poesia menor — as *Bucólicas* e o *Culex* — que teria concebido a *Eneida* apenas após receber o apoio de Mecenas, ele, Marcial, continuará a ser um poeta de epigramas — e não um vate épico — se receber o mesmo tipo de patrocínio, pois não tem talento para cantar, em uma epopeia, a grandeza militar da Roma de sua época. Esse epigrama retoma, portanto, o tema do 3, que também abordara a oposição entre o gênero epigramático e os gêneros de poesia considerados mais nobres e elevados, sobretudo a tragédia e a epopeia. Em um volume inteiramente dedicado a Domiciano, como é o caso do Livro 8, e em um momento histórico marcado pelos recentes sucessos militares desse imperador nas fronteiras setentrionais do Império, ambos os poemas (o 55, direta e expressamente, o 3, apenas se lido à luz do 55) parecem responder a uma necessidade do epigramatista de justificar, diante do *princeps*, o cultivo de um gênero — o epigrama — visto como de menor importância cívica, por não ser afeito, em princípio, ao louvor das glórias militares romanas, como o seria, por sua própria natureza, a poesia épica.

Ao longo epigrama 55 (24 versos) segue um de apenas quatro versos (56), em que o poeta se dirige diretamente ao César para elogiar as muitas dádivas (*praemia*) que ele tem concedido ao seu povo, mencionadas em outros epigramas do livro (presentes, distribuições de dinheiro e alimentos, jogos e espetáculos, banquetes, festividades). Assim, o poeta indica, em 56, o modelo de generosidade que gostaria de ver multiplicado na Roma de sua época, solucionando o problema da falta de patronos literários que apontara no epigrama 55. Ao posicionar os dois poemas lado a lado, Marcial isenta o *princeps* da crítica feita em 55, mas, ao mesmo tempo, o estimula sutilmente a tomar para si, mais efetivamente, a tarefa de patrocinar os poetas.

Temos depois seis epigramas invectivos com diferentes alvos: 57, contra o desdentado Picente; 58, contra um indivíduo que usa grossas lacernas; 59, contra um cleptomaníaco zarolho que é o terror dos jantares (retomando, de certa forma, elementos do 48); 60, contra uma mulher alta demais; 61, contra um invejoso; e 62, contra um mau poeta, curiosamente

também nomeado como Picente, como o desdentado que abriu a sequência. O 60, no entanto, apesar de invectivo, está relacionado a Domiciano, uma vez que, para construir a hipérbole em que se baseia a invectiva contra a mulher alta demais, o epigramatista compara a sua estatura à de uma imensa estátua de imperador (cf. *Palatini ... Colossi*, v. 1), a qual pode ser aquela que fora colocada no Fórum para comemorar as primeiras vitórias desse *princeps*<sup>34</sup>.

Depois de um gracioso poema (63) tratando do amor de Aulo Pudente, amigo e patrono do poeta, por jovens escravos (evocando, portanto, o assunto do 46), e de uma invectiva contra um espertalhão que, para ganhar muitos presentes, celebra o aniversário oito vezes por ano (64), segue novo par de epigramas de encômio ao imperador (65-66). O primeiro (65, em dísticos elegíacos), descreve o templo da *Fortuna Redux* e um arco triunfal que o *princeps* mandara erigir no Campo de Marte após as campanhas vitoriosas sobre os catos na Germânia, em 82-83 d.C.; o segundo (66, em hendecassílabos falécios), embora centrado na comemoração da escolha do filho do poeta Sílio Itálico para cônsul *suffectus*, reverencia também o imperador, que apoiara e garantira essa “eleição”.

Seguem-se então dois epigramas invectivos — 67 e 69 — entrelaçados com dois que fazem elogio indireto a Domiciano por meio do encômio de indivíduos ligados à sua corte: 68, dirigido a Entelo, e 70, dedicado a Nerva<sup>35</sup>. O 67, em metro elegíaco, alveja um conviva que, contra toda a etiqueta, chega cedo demais para um jantar na casa do poeta, enquanto o 69, em falécios, ataca o leitor ou crítico que só admira os poetas antigos e louva os já falecidos. Note-se que, se em 6 e em 22 o poeta alvejara os maus modos do anfitrião, agora, em 67, é o comportamento do convidado que é criticado<sup>36</sup>.

No epigrama 71, o poeta ataca um patrono que foi gradativamente diminuindo, ano após ano, os presentes que lhe enviava por ocasião das Saturnais, retomando, na escolha do alvo invectivado e do motivo da invectiva, os ataques feitos em 33 e 41. Além disso, o epigrama 71 é último de

---

<sup>34</sup> Cf. PIMENTEL *et alii* (2001) 75, n. 113, que citam as outras possibilidades de identificação do monumento.

<sup>35</sup> Sobre essas duas figuras, ver item I.

<sup>36</sup> Outro comportamento de convidado que é alvejado é o do cleptomaniaco do epigrama 59, já que é aproveitando o ambiente dos banquetes que ele efetua os seus *furta*.

uma série de peças, espalhadas pelo volume (14, 28, 33, 41 e 71), que referem, direta ou indiretamente, as Saturnais, e que contribuem, por isso, para situar a publicação do Livro 8 no mês de dezembro<sup>37</sup>: 14 (v. 1, *brumam*), 41 (v. 2, *medio brumae mense*) e 71 (v. 1, *tempore brumae*) mencionam a época do ano em que essa festa ocorria; 28, 33, 41 e 71 referem o costume de trocar presentes que a caracterizava.

Entra-se então, a partir do epigrama 72, na parte que já pode ser considerada a porção final do livro, uma vez que este contém apenas 82 poemas. Talvez por isso — para explorar o efeito de ênfase que as posições finais do volume podem proporcionar — o poeta coloque, como epigrama 72, a dedicatória do livro ao patrono Arcano, convenientemente destacada, adicionalmente, pela diferença métrica: composto em hendecassílabos falécios, o epigrama 72 isola-se dos dois poemas que o precederam (70-71) e dos três que o seguem (73-75), todos em dísticos elegíacos. Arcano é o único dedicatário do Livro 8 além do próprio imperador, e a consideração do poeta para com ele é encenada na pressa do *libellus*, personificado, em seguir o patrono, que está de partida, como governador, para Narbona (atual Narbonne): ele, o livrinho, nem recebeu ainda o acabamento com pedra-pomes e a sua capa de pergaminho pintada de púrpura, mas já deseja, ansioso, seguir na companhia de Arcano. Note-se, porém, que, obedecendo a uma óbvia hierarquia de importância, a peça que dedica a obra a esse patrono, ainda que posta na porção final, dista cerca de dez epigramas do fim; as posições extremas do volume, que têm maior destaque (1 e, como se verá, 82) são reservadas, evidentemente, aos poemas que dedicam o livro ao imperador.

Outro metapoema vem em seguida (73). Dirigindo-se a Instâncio Rufo, mais um de seus patronos, o poeta defende a importância do amor para a inspiração poética, exemplificando com uma lista de poetisas que cantaram as suas amadas. Tal declaração de poética é enfatizada pela sua posição de destaque no final do volume, coroando uma série de três poemas que tratam, no livro, dessa relação intrínseca entre a poesia e um objeto de amor hetero ou homoafetivo: 55, 63 e 73 (a figura paradigmática de Aléxis, escravo que Asínio Polião ou Mecenas teriam dado a Virgílio, é citada nos três epigramas).

---

<sup>37</sup> Cf. SULLIVAN (1991) 40.

Na sequência, vêm duas peças invectivas: 74, contra um oculista imperito que mata e mutila seus pacientes em vez de curá-los, e 76, contra um indivíduo que é, ao mesmo tempo, mau poeta (cf. 20 e 62) e mau advogado (cf. 7 e 16). O poema entre eles (75) narra a pitoresca história de um língone que, tendo se ferido em uma queda, teve de ser carregado na padiola de uns coveiros que passavam pelo local. O 77, centrado na advertência do *carpe diem* e na ideia da brevidade da vida, retoma o conteúdo do 44, variando, contudo, o metro (lá, escazontes, aqui, dísticos elegíacos) e a estratégia (lá, invectiva, aqui, conselho filosófico dirigido a um amigo).

Nos últimos cinco epigramas do livro (78-82), o poeta parece ter optado pela perfeita alternância entre poemas em metro elegíaco consagrados ao imperador (78, 80 e 82) e poemas invectivos em hendecassílabos falécios não ligados a ele (79 e 81), produzindo eficazmente, mais uma vez, aquela saudável *uariatio* anunciada no prefácio.

O epigrama 78, que vem após um intervalo de oito poemas não relacionados ao *princeps*, exalta os suntuosos *ludi* que Lúcio Arrúncio Estela promoveu, com recursos próprios, para celebrar os sucessos militares de Domiciano sobre os Sármatas. O 80 exalta medidas tomadas pelo soberano para repor em vigor certas tradições dos antepassados relativas aos combates na arena e louva a sua campanha de construção e recuperação de templos. Entre os dois poemas, o 79 alveja Fabula, que tenta parecer mais jovem e mais bela fazendo-se acompanhar sempre por amigas de mais idade e desprovidas de beleza. O 81 também alveja uma mulher, Gélia, que tem desmesurada paixão por suas pérolas.

O último poema do volume (82) faz uma derradeira dedicatória do Livro 8 ao imperador, como já observamos. E contém ainda um manifesto poético que não deixa de ecoar o poema 55, já que Marcial pede novamente ao soberano a sua proteção e patrocínio à atividade dos poetas. Assim, o livro começa e termina com dedicatórias ao *princeps* (1 e 82), materializando, nessa estrutura circular, em anel, a preponderância da figura imperial já anunciada no prefácio em prosa. Domiciano, presente nos epigramas dos dois extremos, “abraça” o livro, ao mesmo tempo em que por este é abraçado, dada a abundância de peças, no interior do volume, que lhe fazem o encômio direto ou indireto.



#### IV

Retomemos rapidamente, para concluir, as estratégias mais importantes empregadas pelo poeta na arquitetura do Livro 8.

A *uariatio* é o princípio norteador da organização interna do volume, e, diferentemente de outros livros do poeta, não só é atestado ao longo do livro (na disposição das peças), como também é já apresentado, metalinguisticamente, no prefácio em prosa que abre a obra. Conforme prometido nesse prefácio, a variação será verificada na diluição, ao longo do livro, dos 28 epigramas relacionados ao imperador, que são intercalados com peças com outras temáticas e finalidades. Mas qualquer grupo de epigramas sobre um mesmo tema tende a ser separado no desenho do livro: assim ocorre, por exemplo, com o conjunto de poemas que tratam de poesia (1, 3, 18, 20, 24, 29, 55, 61-63, 69, 70, 72, 73, 76 e 82), com os que se baseiam na tópica do *carpe diem* (44 e 77) ou com as invectivas contra caçadores de herança (25, 27, 38.1-3 e 43), contra patronos ou amigos ingratos ou avarentos (14, 25, 33, 41-42, 55, 71) e contra anfitriões que tratam mal seus convidados (6 e 22).

A forte preocupação com a *uariatio* também incide, contudo, sobre a métrica e a extensão de todos os poemas ao longo do livro, como observado na tabela e nas análises apresentadas, sobretudo, em II. Por vezes, a variação na extensão serve para amenizar sequências temáticas ou métricas repetitivas.

As dedicatórias do volume ao imperador ocupam as posições de destaque nos extremos do livro (1 e 82), mas outros poemas a ele consagrados também são posicionados enfaticamente nas porções inicial e final (2, 4 e 8; 78 e 80). O metapoema 3, que tece importantes considerações sobre os gêneros poéticos, é também colocado, sintomaticamente, entre as primeiras peças da recolha. Posições de destaque no meio do livro também são exploradas na arquitetura do volume (cf. 44).

A dedicação formal do Livro 8 a Domiciano, a ausência de material obsceno motivada por essa dedicatória, a abundância de peças ligadas ao *princeps* e, por fim, as posições enfáticas que muitas delas ocupam no desenho do livro contribuem para a analogia, sugerida no final do prefácio, segundo a qual a presente obra é um templo sagrado erigido em homenagem à divindade do imperador. Assim, o termo *limen* que ocorre no final desse texto de abertura (cf. §6) assume ali, simultaneamente, dois significados: por um lado,

é o “começo”, o “princípio” do livro; por outro, é o “limiar”, a “soleira”, a “entrada” do templo que esse livro representa.

### Referências bibliográficas

- CESILA, R. T. (2004), *Metapoesia nos epigramas de Marcial: tradução e análise*. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Programa de Pós Graduação em Linguística. Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas (Brasil).
- CESILA, R. T. (2005), “Saturnais: uma época para ler Marcial”: *Phaos* 5 (2005) 13-19.
- CESILA, R. T. (2008), *O palimpsesto epigramático de Marcial: intertextualidade e geração de sentidos na obra do poeta de Bilbilis*. Tese (Doutorado em Linguística) — Programa de Pós Graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas (Brasil).
- CESILA, R. T. (2013), “As Bucólicas de Virgílio e o epigrama 8.55 de Marcial: intertextualidade, mecenato e uma recusatio implícita”: *Classica* 24.1 (2011) 113-137.
- CESILA, R. T. (2017a), *Epigrama: Catulo e Marcial*. Campinas, Editora da Unicamp.
- CESILA, R. T. (2017b), “Tópicas horacianas nos epigramas de Marcial: o *carpe diem*”: *Phaos* 17.1 (2017) 7-34.
- CITRONI, M. (1975), *M. Valerii Martialis Epigrammaton Liber I*. Introduzione, testo, apparato critico e commento a cura di M. Citroni. Firenze, La Nuova Italia Editrice.
- CITRONI, M. (2004), “Martial, Pline le Jeune, et l’identité du genre de l’épigramme latine”: *Dictynna [on-line]* 1 (2004) 125-153. Disponível em <<http://dictynna.revues.org/172>>. Acesso em 11/08/2017.
- DEZOTTI, J. D. (1990), *O epigrama latino e sua expressão vernácula*. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) — Programa de Pós Graduação em Letras Clássicas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (Brasil).
- PIMENTEL, C. S. et alii. (2001), *Marcial. Epigramas*. Vol. III. Tradução de D. F. LEÃO (livro VII), J. L. BRANDÃO (livro IX) e P. S. FERREIRA (livro VIII); introdução e notas de C. S. PIMENTEL. Lisboa, Edições 70.



- SHACKLETON BAILEY, D. R. (1993), *Martial. Epigrams*. Edited and translated by D. R. SHACKLETON BAILEY. 3 vol. Cambridge (Massachusetts), Harvard University Press.
- SUETONIUS (1914), *The Lives of the Caesars*. With an English translation by J. C. ROLFE. 2 vol. Londres, William Heinemann; Nova Iorque, Macmillan.
- SULLIVAN, J. P. (1991), *Martial: the unexpected classic: A Literary and Historical Study*. Cambridge, Cambridge University Press.
- WALTZ, P. *et alii*. (1928), *Anthologie Grecque (Anthologie Palatine)*. Texte établi e traduit par Pierre Waltz et alii. Tome I. Paris, Les Belles Lettres.
- WOLFF, É. (2008), *Martial ou l'apogée de l'épigramme*. Rennes, Presses Universitaires de Rennes.

\*\*\*\*\*

**Resumo:** A arquitetura interna de um livro de poesia, isto é, o arranjo ou disposição dos poemas em seu interior, pode afetar a interpretação tanto do poema individualmente quanto do conjunto de que ele faz parte (o livro). No caso da obra de Marcial, cujos volumes de epigramas se revelam cuidadosamente estruturados, esse aspecto também não pode ser ignorado. Neste artigo, descrevemos como estão arranjados os epigramas no interior do Livro 8. Tentamos demonstrar também que tal disposição visa, sobretudo, a contribuir com o objetivo maior do poeta, que é a construção do louvor do dedicatário e figura dominante do livro: o imperador Domiciano.

**Palavras-chave:** Marcial; epigrama; Livro 8; Domiciano; arranjo interno do livro.

**Resumen:** La arquitectura interna de un libro de poesía, es decir, el agrupamiento o disposición de los poemas en su interior, puede afectar a la interpretación tanto del poema de forma individual como del conjunto del que forma parte (el libro). En el caso de la obra de Marcial, cuyos volúmenes de epigramas se muestran cuidadosamente estructurados, tampoco podemos dejar de lado este aspecto. En este artículo describimos cómo se disponen los epigramas en el interior del Libro 8. Intentamos demostrar también que esta disposición pretende, sobre todo, reforzar el mayor objetivo del poeta, que es la construcción de la alabanza al dedicatario y figura predominante del libro, el emperador Domiciano.

**Palabras clave:** Marcial; epigrama; Libro 8; Domiciano; disposición interna del libro.

**Résumé :** L'architecture interne d'un livre de poésie, c'est-à-dire, l'agencement ou la disposition des poèmes dans son intérieur, peut avoir un effet sur l'interprétation tout autant du poème individuellement que de l'ensemble dont il fait partie (le livre). Dans le cas de l'œuvre de Martial, dont les volumes d'épigrammes se trouvent soigneusement structurés, cet aspect ne peut être aucunement ignoré. Dans cet article, nous décrivons comment les épigrammes se trouvent organisés au sein du Livre 8. Nous essayons également de démontrer que cette disposition a, surtout, pour but de construire un éloge du dédicataire et figure centrale de l'œuvre : l'empereur Domitien.

**Mots-clés :** Martial ; épigramme ; Livre 8 ; Domitien ; structure interne du livre.